Acervo ISA

Informativo FOIRN

Educação

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 19 / 10 / 98
cod ØADØØ344

Construindo uma forma diferente de educação

Caros professores e lideranças:

A questão da educação indígena, tem sido, ao longo dos últimos anos, um assunto sempre presente e de muita preocupação no seio das discussões do movimento indígena, das unidades acadêmicas e do próprio governo.

Os professores e lideranças indígenas têm se esforçado, no sentido de apronfundar a questão e traçar estratégias e formas de construção de uma política educacional adequada aos povos indígenas. Educação que esteja de acordo com a realidade específica de cada povo e a serviço de suas necessidades e interesses.

Atualmente, em quase todas as aldeias indígenas espalhadas pelo Brasil afora, os professores estão pensando e construindo diferentes formas de educação escolar indígena. São experiências muito ricas.

As organizações indígenas e a Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre - COPIAR, estão cada vez mais empenhadas e articuladas no aprimoramento deste novo processo, assegurado pela Constituição Federal.

Entretando o processo requer muita força de vontade e determinação, pois precisa romper muitas barreiras da política educacional tradicional.

A publicação deste boletim é fruto da dedicação e esforço de muitas instituições e pessoas que acreditam no processo. Visa democratizar as diversas experiências, a partir de informações e conteúdos discutidos nos encontros, cursos, documentos, pronunciamentos de professores e lideranças indígenas, nos últimos 10 anos. 'É apenas uma primeira experiência e como tal muito limitado no, mas que esperamos ser útil para a nossa discussão e reflexão.

Particularmente, os dez anos de trabalho na FOIRN, sempre dedicado à luta mais global dos índios e mais precisamente à educação indígena, me convenceram de que o caminho da educação escolar indígena, é a nossa grande esperança de conquista definitiva dos nossos direitos e da nossa terra. Nossos agradecimentos a todos aqueles que contribuiram para a elaboração deste trabalho e de modo muito especial, a todos os professores e lideranças indígenas do Rio Negro que muito me ensinaram, e motivaram a trabalhar por muito tempo no setor de educação da FOIRN.

Esperamos poder contribuir com este trabalho no fortalecimento da nossa luta, enquanto instrumental teórico e político.

GERSEM LUCIANO BANIWA
Setor de Educação da FOIRN
COPIAR/Rio Negro

Acervo ISA

Educação, Educações... e Escolas

A organização de escolas em áreas indígenas surgiu na Amazônia há mais de um século, como um dos mais efetivos instrumentos de descaracterização das culturas, de desorganização das sociedades e de dominação. A escola chegou nas comunidades indígenas através do contato com a sociedade envolvente, como um tipo de "necessidade", justificada pelos colonizadores através da idéia de que os índios não tinham educação.

O fato do processo educativo nas sociedades indígenas apresentar diferenças profundas quanto à chamada "educação nacional" serviu de justificativa para se chegar a dizer que não existe educação indígena. Esse tipo de preconceito tem gerado, desde os primeiros tempos coloniais, a idéia de que é necessário "fazer a educação do índio". É com essa perspectiva que têm-se implantado a maioria dos projetos escolares para as populações indígenas: a escola e a alfabetização entram em cena como sinônimos de educação, com o objetivo de integração.

Apenas muito recentemente, as escolas nas áreas foram pouco a pouco incorporando em seus quadros professores das próprias comunidades.

Conforme a experiência vivida em cada região, este processo não se deu sem esforço e a luta das diversas comunidades, lideranças e organizações.

As diferentes fases desta história

Para melhor entendermos esta questão, poderíamos traçar um perfil da educação formal desenvolvida em áreas indígenas no Brasil. Com esse objetivo, Mariana Leal (que foi assessora do movimento), em sua dissertação de mestrado (1992 - USP), propõe uma divisão da História da Educação Escolar entre os Povos Indígenas no Brasil em quatro fases distintas. Vejamos o que ela diz:

I FASE

"A primeira situa-se à época do Brasil colônia, em que a escolarização dos índios esteve a cargo exclusivo de missionários católicos, notadamente os jesuítas. Um segundo momento é marcado pela criação do Serviço de Proteção aos Índios - SPI em 1910, e se estende à política de ensino da FUNAI e sua articulação com o Summer Institute of Linguistics - SIL e outras missões religiosas. O surgimento de organizações indigenistas não governamentais e a formação do movimento indígena organizado, em fins da década de 60 e nos anos 70, época da ditadura militar, marca o início da terceira fase. A última delas, iniciativa dos próprios povos indígenas, a partir da década de 80, visa definir e autogerir seus processos de educação formal".

Resumindo suas idéias podemos entender que: O objetivo da **primeira fase**, que partiu de um modelo europeu, era a negação da diversidade: acabar com os diversos povos e culturas e incorporar a mão-de-obra indígena à sociedade nacional.

II FASE

A **segunda fase** é marcada pela tentativa do Estado de reformulação da política indigenista. Entra em cena a preocupação com a diversidade lingüística e cultural dos povos indígenas no país. Com a criação da FUNAI, em 1967, houve algumas mudanças mais significativas. Elege-se o ensino bilíngüe como forma de "respeitar os valores tribais". Em 1973, o Estatuto do índio - Lei 6001, tornou obrigatório o ensino das línguas nativas nas escolas indígenas. A questão do bilingüismo, como forma de assegurar e respeitar o "patrimônio cultural das comunidades indígenas" (artigo 47 do Estatuto do Índio), entra porém em contradição com os objetivos integracionistas da educação escolar oferecida na prática pela FUNAI.

A partir de 1991, a FUNAI teve a maioria de suas responsabilidades divididas entre os Ministérios, cabendo ao Ministério da Educação "coordenar as ações referentes à educação indígena". Tais ações serão "desenvolvidas pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios em consonância com as Secretarias Nacionais de Educação do Ministério da Educação" *(artigos 1 e 2 do Decreto Presidencial de nº 26)*. Este decreto desencadeou diversas reações contrárias por parte de organizações indígenas e indigenistas. Assim, o Governo Federal resolveu, através da Portaria Interministerial 559, acatar grande parte das reivindicações dos povos indígenas sobre educação escolar. A portaria tem como objetivo:

INFORMATIVO FOIRN - EDUCAÇÃO - 1996 - *Elaborado pelo setor de Educação da* **FOIRN** *(Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro). Organizações Indígenas Responsáveis:* **COIAB** *(Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira:* ***FOIRN*** *- Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.* **COPIAR** *(Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre Entidades de Apoio:* **Cimi Norte I.** *Jornalista Responsável:* **J. Rosha (R.P. 199/02).** *Ilustrações: professores indígenas (vários povos). Fotos:* **Cimi Norte I/Arquivo. Copiar/Arquivo FOIRN/Arquivo.** *Trechos dos textos aqui publicados foram extraídos dos Relatórios dos Encontros anuais do Movimento dos Professores Indígenas do AM/RR/AC (1988-1995) e do Relatório de Qualificação/Programa de Pós-Graduação FEUSP de autoria de Rosa Helena Dias da Silva. Endereço: Manaus-AM. Cep.69.000-000. Diagramação e Projeto Gráfico:* **J. Rosha.**

Acervo ISA

"Garantir que as ações educacionais destinadas às populações indígenas fundamentem-se no reconhecimento de suas organizações sociais, costumes, línguas, crenças e nos seus processos próprios de transmissão do saber".

III FASE

A **terceira fase** delimita-se pela formação de projetos alternativos de educação escolar, com a participação de Organizações Não-Governamentais (ONGs) de apoio a causa indígena. Estas surgiram no final dos anos 70, período da ditadura militar. Data desta época também, a realização de Assembléias Indígenas em todo o país, que propiciou a articulação de lideranças indígenas até então isoladas entre si, e do quadro político mais amplo.

A discussão sobre educação escolar indígena apareceu frequentemente nestas reuniões. Como exemplo, temos a Assembléia realizada em 1981, no Alto Purus - Amazonas, contando com a participação das nações Apurinã, Kaxinauá, Jarawara, Jamamadi, Kulina, Macuxi e Wapixana. Nesta ocasião, os índios reclamaram da falta de escola para alfabetizar seus filhos. Porém, deixaram claro que não querem uma escola *"como funciona para os brancos, mas sim uma escola que faça com que o índio queira continuar ser índio e não ficar desejando abandonar a aldeia; essa escola deve ter professores indígenas e ficar dentro das malocas"* (Jornal Porantim nº 29).

IV FASE

Finalmente, é na **quarta fase** desta divisão histórica, referente à auto-gestão indígena em suas escolas, que se localiza o movimento dos professores indígenas.

Diversas e expressivas experiências estão em andamento em todo o país, no sentido de garantir o direito à uma educação específica e diferenciada, e, mais que isso, que sejam os próprios povos indígenas os autores e protagonistas destes processos. Fundamental é a questão da criação e auto-gestão dos processos de educação escolar indígena: os próprios povos indígenas estarem discutindo, propondo e procurando, não sem dificuldades, realizar seus modelos e ideais de escola, segundo seus interesses e necessidades imediatas e futuras.

Vamos conhecer mais detalhadamente a experiência do movimento dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, recordando seus Encontros anuais e destacando seus principais pontos e reflexões, assim como algumas iniciativas atuais de enfrentamento da realidade das escolas indígenas na região.

As origens

Articulado principalmente através de seus Encontros Anuais, o movimento surgiu como resposta à necessidade de refletir sobre problemas comuns vividos pelos professores indígenas destas regiões e encontrar alternativas para uma mudança nos rumos da educação escolar.

"O pessoal está se reunindo para mudar essa escola. Estamos nos reunindo para ver como seria a escola ideal para nós" (Relatório do II Encontro/1989).

Os Encontros serviram para detonar um processo organizativo

Quanto às **origens do Movimento**, muito já era feito por diversos professores indígenas em suas regiões, sendo que os Encontros serviram para detonar um processo organizativo e possibilitar a articulação e o intercâmbio das diferentes experiências, juntando assim as forças que estavam isoladas.

A própria proposta da realização de um primeiro encontro, que colocasse em contato professores indígenas de diversos povos, para conhecimento mútuo do que se estava fazendo, partiu de um pedido dos professores **Ticuna** ao regional Norte I do CIMI.

Os Ticuna, desde 1983, encontram-se em processo de discussão sobre a problemática da escola indígena e outras questões envolvidas em seu trabalho pedagógico e, a partir de 1986, organizam-se na **OGPTB - Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües.**

Acervo ISA

Os Encontros anuais

Os Encontros anuais representaram neste processo, momentos decisivos, onde as articulações se tornaram possíveis, e as trocas de experiências e conhecimentos estão fazendo surgir uma nova concepção de educação escolar indígena, que respeita os conhecimentos, as tradições e os costumes de cada povo, valorizando e fortalecendo a identidade étnica, ao mesmo tempo que procura passar conhecimentos necessários para uma melhor relação com a sociedade não-índia.

A principal pergunta tem sido: Escolas "por que" e "para que?" Assim, os Encontros tem priorizado as discussões de caráter mais global, discutindo aspectos dos fundamentos, princípios, bases e objetivos gerais da educação escolar indígena.

No I Encontro, realizado em Manaus, em julho de 1988, a partir da pergunta: **"Como se aprende a viver?"**, cada grupo pode relatar o seu "jeito", a sua maneira de educar, dentro de suas comunidades. Nos trechos a seguir, poderemos perceber algumas características comuns, além de problemas identificados com a situação do contato:

"Para saber como se aprende a viver, depende de certos fatores - por exemplo, a descaracterização cultural de muitas comunidades, motivada pela invasão das áreas". (Prof. Macuxi/RR) *"A língua Wapixana está bastante falida. Há muita interferência do Governo".* **(Professores Wapixana/RR)**

Assinatura do documento final do 1° Encontro

"O costume da queima da face, cheirando pimenta, quase não se faz mais. A nossa língua não estava escrita, estamos fazendo agora a nossa cartilha..." **(Professores Tucano/AM)**

"As tradições dos pais foram acabadas um pedaço. Mas queremos renascer esta tradição, fazer um renascimento da nossa história. Por isso fazemos um estudo paralelo das duas culturas, vendo o que é bom ou mau". **(Professores Desano/AM)**

"A educação era toda de pai para filho. Morávamos na beira do Solimões e plantávamos na praia. O principal ponto era não deixar faltar a alimentação. Nas praias se plantava junto e tinha muita brincadeira, alegria. Hoje, quando queremos plantar na praia, logo aparece alguém prá falar que é dono da praia e nós não podemos plantar". **(Professor Kambeba/AM)**

Um segundo passo foi dado no sentido de problematizar o porquê da existência da escola, ou seja, os seus objetivos. Refletiu-se sobre a pergunta:

"Se já existia educação na originalidade, para que funciona a escola atual?"

Novos relatos deixaram claro alguns conflitos existentes na questão do contato da sociedade envolvente com as populações indígenas, assim como nas relações que se estabelecem entre as diferentes culturas e os diversos modelos de sociedades. Dentre eles, a introdução da educação formal ou seja, da escola enquanto nova instituição.

a) Críticas à escola :

"A escola não levou em conta os valores e a cultura. Dentro do programa atual, a escola não tem conteúdo sobre nosso povo, nossa cultura". **(Professores do Rio Negro)**

"Achamos que todo povo tem seu jeito, a sua maneira de educar. Antigamente foi de um jeito e hoje é completamente diferente. A população envolvente de Roraima - o branco - fez mudar a nossa maneira de ser. Nossa sociedade nunca pensava que ia chegar a situação de hoje". **(Professores Wapixana)**

"Diversos professores dão aula na língua macuxi, mas na clandestinidade. Proíbem os professores de ensinar as coisas macuxi. Os professores são pagos para falarem sobre coisas que não são deles". (Professores Macuxi)

"Se não tivesse branco no meio dos Ticuna, talvez até hoje não teria escola". **(Professores Ticuna)**

b) Contradições, possibilidades e alternativas:

"Na realidade, nós - o próprio sistema educativo do governo existe assim - fomos preparados para a defesa: 'você tem que estudar senão é enganado'. A escola prepara para enfrentar o progresso que vem chegando. Agora temos que ver como vai ser a escola do jeito que queremos". **(Professores do Rio Negro/AM)**

"A escola atual pode ser positiva ou negativa. Pode fazer com que esquecemos nossa cultura, nossa

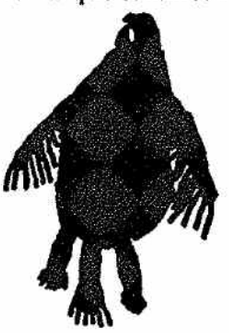
Acervo ISA

língua. É importante que o processo da escola seja indígena, para manter os nossos costumes, para ensinar a nossa língua. Precisamos de conhecimentos do mundo indígena e do branco".
(Professores do Médio Solimões)

Sobre a questão **"Como deve ser a escola que queremos"**, através da troca de experiências e reflexão coletiva, traçaram pontos comuns. Foi elaborado um documento dizendo que a escola deve ser:

- bilíngüe
- voltada à cultura de cada povo
- fundada nas tradições
- conscientizadora, tendo em vista a autodeterminação
- deve ainda trabalhar na defesa dos direitos indígenas
- ter metodologia própria
- ter seu papel avaliado pela comunidade

No II Encontro (Manaus/1989), foram realizados trabalhos para avaliar o que já foi realizado pelos professores, em suas regiões, no sentido de buscar atingir os princípios que elencaram para a construção de uma verdadeira escola indígena. Seguiu-se o seguinte roteiro: **"O que estamos fazendo para conseguir a escola que queremos; quais as dificuldades que estamos enfrentando e quais os avanços".** Destacaram-se ações empreendidas no sentido de garantir que as escolas indígenas sejam reconhecidas e regulamentadas a nível oficial, pois, como explicitam os professores de Roraima:



"O não reconhecimento das escolas indígenas é uma das dificuldades mais graves, no que diz respeito aos trabalhos clandestinos".

Quanto às dificuldades, são inúmeras. Como problemas comuns, foram mencionados: a questão das línguas indígenas e a situação complexa de diversidade lingüística presente no Movimento. Existem regiões onde vivem vários povos, falantes de sua língua original, como no Rio Negro (povos Tucano, Dessano, Baniwa, Piratapuia, Baré, dentre outros); lugares onde as línguas indígenas tradicionais quase já não existem, como em Roraima (povos Macuxi e Wapixana); e povos que Não falam mais sua língua nativa, passando o português a ser a língua indígena atual, como no Médio Solimões (Kokama, Kambeba, Mayoruna, Miranha).

A criação da COPIAR

A partir do final do II Encontro foi criada a **COPIAR - Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas e Roraima** - com a responsabilidade de pensar o Encontro seguinte, inclusive buscando financiamento para concretizá-lo. Foi composta desde seu início por representantes das regiões que integram o Movimento, os quais São escolhidos no próprio evento.
Atualmente, a área de abrangência do movimento divide-se em nove regiões: Baixo Madeira, Médio Madeira, Alto Madeira, Médio Solimões, Alto Solimões, Baixo Amazonas, Rio Negro, Roraima e Acre. A sigla COPIAR passou, desde o V Encontro (1992) a significar Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre.

Os trabalhos do III Encontro (Manaus/1990), organizado pelos professores indígenas, através de sua Comissão, partiram das questões: **"Quais as contribuições que os Encontros anteriores trouxeram?" e "Como tem sido o trabalho dos professores indígenas"**. Teve como tema a necessidade de currículos diferenciados para as escolas indígenas. Esta Reflexão permitiu-nos vislumbrar as possibilidades da escola enquanto espaço indígena.

Discussão sobre curriculo

Como preparação para o IV Encontro (Manaus/1991), estabeleceu-se uma tarefa, com objetivo de ajudar a encaminhar a discussão, fazendo avançar concretamente a questão da elaboração de currículos próprios: a realização de uma **pesquisa**, e discussão junto às comunidades, durante o ano, com um roteiro de trabalho comum. Neste, constavam os seguintes itens:
- O histórico do Povo (Quem são os índios; onde vivem; suas formas de educação tradicional; suas experiências em educação escolar).
- A necessidade da escola (Por que a educação escolar é necessária; para que as comunidades indígenas

Acervo ISA

precisam de escola; o que é uma escola realmente indígena).
- Quais os conhecimentos que a escola deve transmitir para que ela seja realmente uma escola indígena, voltada para as necessidades da comunidade.
- Como devem ser transmitidos esses conhecimentos.
- Formas de avaliação (O que devemos fazer para saber se os alunos estão aprendendo).
- Como deve ser o calendário escolar para a aldeia indígena.
- Quem deve dirigir, coordenar, a escola indígena.
- Como as famílias vão participar na escola indígena.
- Quais as formas de participação das Secretarias Estaduais, Municipais e do Governo Federal nas escolas indígenas.
- Qual a ajuda que outras entidades e organizações (Universidades, Igrejas, etc) podem dar.
- De que forma os professores indígenas pensam suas relações e articulações com: a comunidade, as organizações indígenas locais, as organizações dos professores e com a COIAB.

Foi realizado em outubro/1992, pela primeira vez fora de Manaus - na cidade de Boa Vista/RR. Teve como principais temas de Discussão: currículos e regimento; tema gerador e diversidade cultural; legislação/ política governamental e Estatuto do índio; Comitê Assessor do MEC; articulação e continuidade do processo. O estado do Acre passa a compor também o movimento. O encontro foi hospedado pela OPIR (Organização dos Professores Indígenas de Roraima).

O VI Encontro (1993) foi realizado, pela segunda vez, na cidade de Boa Vista/RR. O tema central escolhido foi: **"Culturas Diversificadas"**, com os sub-temas:ganização social e política; origens; rituais; trabalho, economia e produção; educação tradicional.
Houve um trabalho inédito no qual dois professores, dos povos Macuxi e Wapixana, diretores em escolas indígenas de suas comunidades (em Roraima), relataram sua experiência com currículos e regimentos. Os professores Inácio, da Escola Maturuca; e Sebastião, da Escola Malacacheta, colocaram, com detalhes, o trabalho que vêm desenvolvendo nas referidas escolas. Ambos deram destaque à Participação das comunidades e lideranças na escola assim como à Participação dos alunos nos trabalhos da aldeia.

Realizou-se em Manaus (1994), tendo como tema principal **"Medicina tradicional"**.
A temática da Medicina Tradicional foi desenvolvida através de trabalho de grupos (por regiões), seguindo um roteiro: 1)Qual a importância da Medicina Tradicional? 2)Quem São as pessoas que conhecem a Medicina Tradicional? 3)Quais os remédios mais importantes? 4)Qual a importância da Medicina Tradicional dentro da Escola Indígena?
Currículos e Regimentos foram trabalhados também com um roteiro: 1) Quais São os problemas que ocorrem na sua escola com a Situação atual? 2) Como está hoje nas escolas indígenas o currículo e o regimento? 3) Quem São as autoridades nas escolas indígenas? 4) Quais São as iniciativas que têm dado certo para fazer o currículo e o regimento que as comunidades querem?
Foram apontados como problemas externos: a falta de materiais didáticos e merenda escolar; a ausência de assistência e acompanhamento técnico educacional por parte dos órgãos governamentais; falta de apoio das Secretarias Municipais de Educação; pressões e ameaças; interferência de política partidária e de missões proselitistas.

Vejamos algumas citações onde os professores falaram dessa problemática:

"Na região do Acre a educação está um pouco falida. O Estado não está tendo esta competência de estar nos dando essas possibilidades para podermos ter nossas escolas". **(Grupo do Acre)**

"(...) há desinteresse dos órgãos competentes, como a própria Secretaria Municipal de Educação, em não dar ênfase à cultura de determinada região indígena". **(Grupo do Rio Negro/AM)**

"O problema é que a Secretaria não está aceitando o movimento escolar indígena". **(Grupo do Médio Solimões/AM)**

"A escola indígena Ticuna não tem assistência educacional na parte de órgãos governamentais. Isso que é a realidade". **(Grupo do Alto Solimões/ AM)**

"(...) tem interferência político-partidária; transferência de professor de uma escola para outra; pressão do governo; ameaça de fechamento das escolas por motivo de movimento para demarcação das terras". **(Grupo de Roraima)**

Sobre os problemas internos foi falado:

"(...) a própria classe docente (com os mais veteranos), não dão uma contribuição na formulação de projetos ou opiniões ou opções coerentes para solucionar o quadro dos problemas internos na região; a superação do antigo sistema - a educação bancária, mas que ainda tem a resistência de alguns pais que não aceitam a transformação neste sentido". **(Grupo do Rio Negro/AM)**

"(...) consumo de bebida alcoólica pelos professores

índios; resistência interna (dos próprios alunos) ao ensino bilingüe - aí está desvalorizando a própria cultura!" **(Grupo de Roraima)**

Com a participação de 120 professores (de mais de 20 povos), realizou-se em Boa Vista/RR, em outubro/1995 , o VIII Encontro. A abertura contou com a presença e contribuição dos alunos da Escola "Siminyó", que apresentaram cantos e danças tradicionais Macuxi (demonstrando concretamente o trabalho de valorização das culturas, realizado por professores indígenas). Na pauta, constavam os temas: Situação atual da educação escolar indígena; educação sexual nas escolas; economia e projetos de futuro; continuidade/Articulação do movimento.
Um dos pontos de destaque deste encontro foi o lançamento do cartaz da **Declaração de Princípios**. Nas palavras do Prof. Enilton, do povo Wapixana:

"A Declaração é arma dos professores. São reivindicações que precisam ser concretizadas. O documento é testemunha da Discussão que está se fazendo, é fruto de um trabalho, de muito gasto, muito sofrimento..."

O conteúdo central dos debates norteou-se por um detalhado diagnóstico da Situação das escolas indígenas nas regiões abrangidas pelo movimento (tendo como eixo principal de referência, a própria Declaração).

PRINCIPAIS TEMÁTICAS - ELABORAÇÕES DOS PROFESSORES INDÍGENAS

Currículos e Regimentos

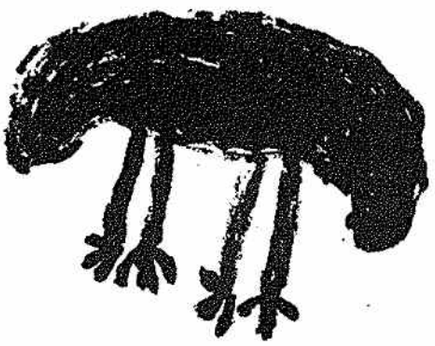
A questão dos currículos esteve sempre presente nas discussões em todos os Encontros já realizados. Na concepção de currículo que o Movimento vem, aos poucos construindo, há uma visão ampla, e o currículo é entendido como o **conjunto de atividades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, envolvendo não só a eles próprios, mas aos alunos e toda comunidade, em suas definições, elaboração e avaliação.**
Vamos ver um pouco do que tem sido discutido sobre currículos:

"Depois que os professores estiverem organizados, temos que pensar num currículo para as escolas indígenas. O que vamos ensinar de português? E a nossa língua? Ciências a gente já pensa na medicina nativa. Então temos que planejar como vamos trabalhar. Será que vai ser igual a esse modo do branco?" **(Professores Macuxi/RR)**

"Há um processo em andamento com as comunidades e assessorias, pois esse é um processo burocrático que a comunidade pode entender melhor. Não estamos com currículo pronto, mas em andamento. O povo tem que participar, porque o currículo vai ser de todos". **(Professores do Acre)**

"Queremos que a escola ajude a conquistar a autonomia, resgatando os conhecimentos tradicionais do povo. É importante conhecer a prática das comunidades e ver o que pode ser trabalhado na escola. Só então podemos definir o currículo, métodos, avaliação, processos, organização". **(Professores do Rio Negro/AM)**

"O regimento apresentado não foi aprovado. Existe



uma perspectiva de elaboração de currículos próprios. Onde há escolas de formação (Macuxi e Wapixana) são usados os currículos, mesmo sem aprovação: ensino bilingue, música, artesanato, dança, educação artística e estudos sociais do próprio povo. Estudamos também sobre o clima, vegetação, área, populações e economia da nossa região". **(Professores de Roraima)**

"A discussão sobre currículos acontece em todas as regiões, algumas estão apenas começando, ou seja, estão no processo de convencer a comunidade da importância de mudar o currículo, e de pensar a escola de modo diferenciado, outras regiões já aconteceram trabalhos de levantamento da situação das escolas, do histórico dos povos e os professores em suas comunidades já iniciaram a reflexão sobre o tipo de escola que querem, os conteúdos que são importantes para serem colocados no currículo (tanto de suas próprias culturas e de suas histórias, quanto de assuntos do mundo dos brancos, importantes hoje para os índios). Em nenhuma área os professores iniciaram a elaboração mais formal de um currículo, porque acreditam que é preciso conversar mais, e fazer disso um trabalho coletivo e com a participação e aceitação de toda a aldeia" **(professores do Acre).**

Acervo ISA

Direção das escolas

Muito já foi pensado sobre as **autoridades na escola**:
"A própria comunidade, junto com os professores indígenas são as autoridades. Porque a comunidade é que está acompanhando no serviço e ela está nos corrigindo. Por isso colocamos que ela é uma autoridade". **(Professores do Acre)**

"A maioria das grandes escolas salesianas São dirigidas por padres e freiras. Nas escolinhas rurais, às vezes é o próprio capitão da comunidade, ou o próprio professor. Nas áreas ocupadas pelos militares, é o próprio militar. E as Escolas Municipais são dirigidas por pessoas nomeadas diretamente pelo Prefeito". **(Professores do Rio Negro/AM)**

"As autoridades somos nós mesmos. Não existe diretor, supervisor. Supervisor São as próprias lideranças que supervisionam a gente mesmo, e nós mesmos os professores, porque nós somos autoridade dentro da escola". **(Professores do Rio Madeira/AM)**

"As comunidades indígenas devem juntamente com os professores e organizações, indicar a direção e supervisão das escola" (declaração de Princípios)

As duas citações a seguir mostram conquistas já obtidas, que significam, sem dúvida, resultados positivos de um longo caminho percorrido:
"Quem mandava nas escolas primeiro era os diretores das escolas civilizadas - diretor branco e a Secretaria de Educação Municipal. Atualmente, hoje, os professores, eles escolhem os seus diretores. A própria comunidade hoje, onde tem três professores, três ou cinco, eles elegem seus diretores.
Não é a Prefeitura que vai nomear. Não é a Secretaria do Município que vai dizer quem São. Mas é a própria comunidade indicando quem ela quer para trabalhar com sua comunidade". **(Prof. Alírio, Ticuna, Alto Solimões/AM)**

"As autoridades São geralmente os diretores. Mas há dois poderes responsáveis: os diretores e os tuxauas. Ambos trabalhando em união para o desenvolvimento da comunidade, onde deve haver o debate para traçar plano da escola e da comunidade.
O exemplo da roça escolar - independência do governo: tem que consultar o tuxaua, que vai nos apoiar.
A união cada vez mais cresce e o trabalho é concretizado. (...) temos uma comissão que está apta a discutir com qualquer autoridade ". **(Professores de RR)**

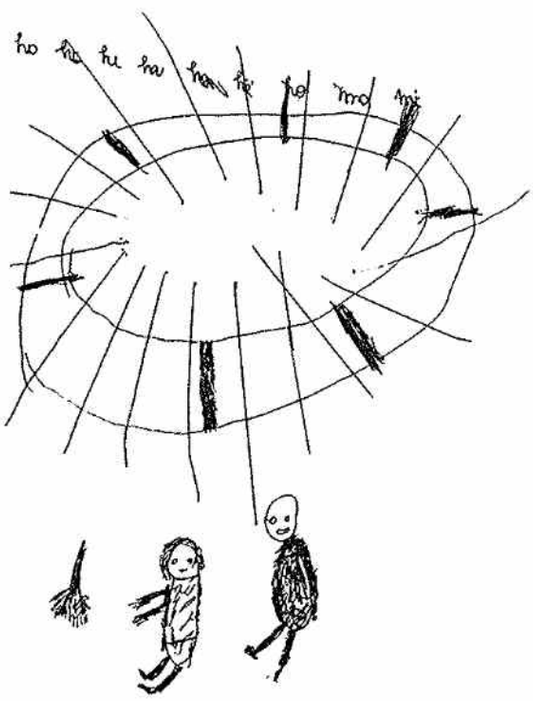
Avaliação

Quanto às **formas de avaliação**, Darcy Duarte, professor Marubo, do Javari, nos diz: *"Uma coisa que não estou de acordo é com a reprovação que o Estado impõe aos alunos. Eu não estou de acordo em reprovar, depois de 8 meses, o meu aluno. Porque tem gente que aprende mais rápido e outros mais devagar. Porque um professor indígena não pode reprovar assim, usando as formas de avaliação da Secretaria. Isso não pode existir nas escolas indígenas.*
Mas o município não aceitou minha forma de avaliação. É difícil. E também o que tem nos livros leva à reprovação porque o aluno não sabe o que é mais, que vem do São Paulo, Não dá.
Eu tentei fugir do calendário mas a Secretaria Não aceitou".

Também os professores do Rio Negro e Alto Solimões falam sobre processos de Avaliação:

"Observar o aluno tecendo, ouvir o aluno falando a língua ensinada. Permitir que eles contam a história contada pelo professor. O professor deve mostrar para o aluno que a prática é mais importante que a nota". **(Grupo do Alto Solimões/AM)**

"Devemos avaliar principalmente na prática, pelo aperfeiçoamento do seu trabalho específico, pelo seu acompanhamento nas festas da comunidade, nos trabalhos coletivos, manifestações públicas e Não na teoria". **(Grupo do Rio Negro/AM).**



Medicina Tradicional e Escolas Indígenas

"(...) temos tratamentos também preventivos (com plantas) e Não só curativo. Se temos saúde temos vontade de pensar, raciocinar, ficar alegres. É gratuito porque a natureza oferece. Para aprofundar mais, temos os pajés". **(Grupo do Rio Negro/AM)**

"O povo índio, ele tem a vida. Nós já temos essa tradição, então o que falta prá gente é viver dentro daquilo que é nosso, que é da nossa tradição. Então nós que somos professores, estamos encarregados de preservar esse trabalho e ensinar". **(Grupo do Alto Solimões)**

"Nós Não queremos perder essa cultura valiosa que nós temos. Prá que é que serve esse resgatamento da cultura? Prá que? Serve prá prestar assistência às próprias comunidades, serve para curar. Muitas vezes nós perdemos isso porque Não conseguimos valorizar. Então a primeira coisa é tentar elaborar um currículo apropriado para cada escola onde os "Programas de' Saúde" deveriam levar em conta essa medicina tradicional. Temos que sistematizar esta questão. Também socializar com os conhecimentos dos vários povos, de várias etnias que conhecem diversos medicinais". **(Prof. Sebastião Duarte, Tucano, Alto Rio Negro/AM)**

"É mais barato e cada povo, cada Região faz de um jeito. É importante cada um conservar sua origem e, através da medicina tradicional, temos maior conhecimento, valorizamos a nossa tradição. Quem conhece os remédios somos nós povos indígenas, porque somos nativos da terra. A gente precisa acreditar um no outro e dar força e valor ao nosso trabalho". **(Grupo do Médio Solimões/AM)**

"A utilização da medicina na escola depende dos professores buscarem os conhecimentos dos remédios tradicionais com os pajés e ensinar aos alunos qual a importância de cada planta, fazendo trabalhos teóricos e também práticos, para saber se realmente os alunos aprenderam". **(Grupo do Rio Madeira/AM)**

"É importante introduzir a medicina tradicional (na escola) como uma das disciplinas, elaborando junto com os mais velhos da comunidade. Assimilar os conhecimentos e fortalecer a própria cultura. Neste sentido, no último Encontro de professores em Roraima, discutimos este assunto e o compromisso assumido pelos professores é de levar a medicina tradicional em consideração nas escolas, valorizando, discutindo com os alunos. A medicina tradicional encerra em si o conhecimento que um povo tem". **(Grupo de Roraima)**

"A medicina tradicional é de grande importância, porque cura as doenças sem precisar de médicos e também previne doenças. O povo que não tem saúde não tem vida. É preciso viver dentro da tradição e os professores devem se encarregar de ajudar as comunidades a entenderem a importância dos remédios tradicionais (além de que, os remédios dos brancos não são fáceis de conseguir)". **(Grupo do Alto Solimões/AM)**

Iniciativas que têm dado certo

"Precisamos construir o presente! Se continuamos pensando nas crianças como futuro, estão agora destruindo o nosso presente". **(Prof. Gersem, do povo Baniwa, Rio Negro/AM)**

Dentre as iniciativas destacadas por diversos grupos situa-se: alfabetização na língua materna; aulas bilíngues; pesquisas na área da medicina tradicional; resgate de aspectos culturais (mitos, danças, música, artesanato, culinária); participação da comunidade, dos pajés, dos agentes de saúde, das organizações indígenas; ter professores e diretores indígenas; a organização dos próprios professores e sua articulação com o movimento indígena mais amplo. Os professores indígenas da região do Rio Madeira contam um pouco de sua experiência:

"Existe, por exemplo, os Munduruku - existe um horário que eles dão aula na língua própria deles mesmos. Então isso aí já envolve o currículo. Também no dia de sexta feira (ou quinta) a gente combina com o pessoal da saúde prá eles ter uma palestra com os alunos sobre o incentivo das doenças que acontece, o remédio mais apropriado (porque a gente não tem condições de comprar na farmácia), e também tem que resgatar nossa própria cultura e tradição. Existe várias organizações no nosso Município: a das mulheres, a da saúde. Então, quando temos Encontro, a gente combina de todo mundo se reunir lá prá tratar de algum assunto, por exemplo, o problema da merenda. Então a gente combina com a organização das mulheres, nesse

Acervo ISA

sentido de participar, por exemplo, na capina, no plantio do roçado da macacheira, da limpeza da escola, do trabalho de lazer que a gente tem - o campinho de futebol. Nós tivemos um Encontro com o pessoal da saúde onde nós criamos as nossas idéias próprias para aproveitar remédio prá verme (que na nossa região ataca muito - acho que isso é geral). Então nós usamos muito a semente do mamão: a gente faz umas pílulas, e até no presente momento é uma das coisas que tá dando certo prá gente, quer dizer, já evitou de tá comprando remédio

Representantes de Roraima no III Encontro

de farmácia".

Também os professores do Médio Solimões elaboraram seus princípios:

"1º Uma escola ligada à teoria e à prática.
O método de ensinar os meus alunos sou eu que vou procurar. Eu tenho que ver como meus alunos aprendem melhor e eu vou procurar adaptar o meu trabalho.
Tem professor que só está preocupado só com o dinheiro.
O professor vem só escrever, escrever e os alunos só copiam. E aí faz a prova só das coisas escritas. Isto eu acho que não serve para o aluno indígena.
O professor deve estar voltado para a prática. Se o professor não sabe a prática, chama quem sabe. Por exemplo: na aula de ciências, não é só o que o professor lê nos livros; deve chamar alguém da comunidade para estudar as plantas medicinais na prática. O professor deve pedir ajuda da comunidade nas aulas.

2º Estudo de sua Cultura.
Trabalhar na aula de cerâmica, artesanato. Vem alguém da comunidade que sabe mexer com isso e ensina. Aí, o professor aprende junto com os alunos. Trazer pessoas para contar os mitos, a história do seu povo. Então aí entra tudo: língua, cultura, teoria e prática. Desta forma o aluno não perde a sua cultura.

3º Evitar o êxodo rural dos alunos indígenas.
Se a criança vai para a cidade ele perde a cultura, a tradição dele. Só com os dois pontos anteriores é que podemos evitar isso.

4º Livros que vem de fora.
Os livros que o Estado oferecem são livros fora da realidade do índio do Amazonas. Como é que um professor bilíngüe vai ensinar com este livro? Tem que adaptar os livros a realidade de cada lugar, de cada povo.

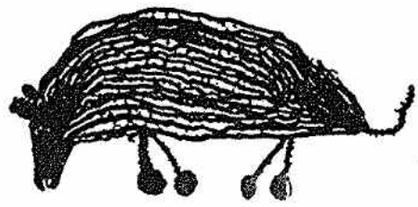
5º Quantidade e Qualidade.
Os alunos só estudam para tirar dez na prova, é muito errado, ele quer ficar sabidão. Isso não está com nada. Precisamos nos preocupar com a qualidade, se ele está aprendendo mesmo. A nota não diz tudo. Às vezes, quem tira cinco não quer dizer que aprendeu menos que aquele que tira dez. A escola que nós precisamos é onde o professor se preocupa com a qualidade,não com a quantidade".
(Grupo do Médio Solimões; Relatório I Encontro/ 1988)

Sobre a **educação tradicional**, assim falou um professor:
"A educação tradicional, embora já quase esquecida na sua totalidade, mostra-nos no presente, sua passagem no passado.
Entretanto, vivemos num país em que a sociedade envolvente tenta a todos os custos descaracterizar a cultura indígena, desprezando principalmente a educação propriamente dita. Diante de toda essa questão, vem-me a idéia de perguntar: - Por que a educação tradicional? (a qual sabemos que foi transmitida sem uma formação escolar, porém merecedora de profundas reflexões). Por conseguinte, porque não o ajuste recíproco entre a educação tradicional e a moderna? Até porque não podemos questionar sem analisar os dois lados, ou seja, tradicional e moderna (sendo que a última foi imposta sem olhar a educação já existente), para então ser modernizada aos poucos, sem que todo um povo fosse prejudicado. O fato que leva-me a tal reflexão é que, por se tratar de uma grande influência que a sociedade envolvente nos representa, jamais conciliaremos ambas as questões ao interesse do povo, seja ele Macuxi, Wapixana, ou demais raças indígenas. É bom lembrar e até alertarmo-nos para o fato de que os nossos jovens estão vivenciando hoje acontecimentos inéditos na história de todas as raças indígenas. Principalmente aqueles que mantém contatos constantes com a 'cidade', que por sua vez distribui gratuitamente má informação, intimidando e até destribalizando muitos índios, que passam a envergonhar-se do seu próprio sangue, tentando esconder-se atrás de uma máscara transparente. Acreditamos sim na grande inteligência dos nossos antepassados, cujos resultados aida vemos, pois se hoje estamos firmes nessa caminhada é porque a educação herdada só precisa ser considerada, ou melhor, respeitada"
(Edmilson Cavalcante, Wapixana/RR).

Diferentes iniciativas tem sido criadas para superar

Acervo ISA

os diversos problemas. Vejamos dois exemplos: *"O trabalho tá sendo conduzido a nível de Município, de Distrito. Posteriormente a gente quer até fazer um Encontro com os professores rurais porque achamos que eles são a base da formação dessa mentalidade. Porque com essa juventude que já se formou, que tá se formando, fica difícil a gente conduzir esse trabalho. Então nós queremos transformar a mentalidade do professor e ele, automaticamente reconduz esse trabalho aos seus educandos, fazendo com que esse tipo de trabalho possa gerar um resultado satisfatório dentro da educação indígena. No nosso caso, somos quase 10 grupos diferentes e mantemos a nossa língua diferente. Então, esse tipo de trabalho. Tem problemas que são permanentes. Por exemplo: o fornecimento da merenda escolar, a gente não pode esperar tudo do céu também... Então é claro que a gente faz movimento, então inclusive quando há falta de merenda escolar, nós convocamos todos os alunos para procurarem alguma coisa de comer. Então fura-se o horário da escola - e vamos fazer o Dabocuri, vamos dançar... Então os alunos são convocados e, no dia seguinte, junta os alunos, os professores e a gente ajunta uma série de frutas, vai mantendo nós mesmos! Porque antes a gente queixava da Prefeitura... e é a mesma coisa que bater numa pedra... porque ele não vai dar".* (Prof. Bosco, do povo Tucano, região do Rio Negro/AM)



"Sobre a merenda, nós povos indígenas temos que usar a nossa tradição, a nossa cultura na merenda. Olha: da casca da banana cumprida amarela, ela dá farofa; a castanha também dá uma merenda muito gostosa. Olha gente, eu quero deixar um aviso pequeno prá vocês: vamos trabalhar um pouco com a "cozinha alternativa" porque ajuda prá que a gente não fique dependendo tanto do governo e nem dos nosso Prefeitos, só pedindo...pedindo... E aí também eu ouvi dizendo sobre material didático que a gente pode usar. Na minha sala de aula, os didáticos são folhas, são talas, são barro (que a gente faz tinta). Também ouvimos falar que o governo mata o índio. Será que o governo vai em cada cabecinha arrebentar uma bala na cabeça do índio? Vocês acreditam nisso? É com suas negações que vai matando nós aos poucos. Então também devemos ter nossa criatividade em si mesmo que vai melhorar as coisas que faz". **(Profa. Marilene, Miranha, M.Solimões)**

ESCOLAS INDÍGENAS E PROJETOS DE FUTURO

Esse foi o tema central escolhido para o IX Encontro, que realizou-se em São Gabriel da Cachoeira/AM, entre 18 e 21 de julho de 1996. O IX Encontro contou com cerca de 100 participantes,de mais de 24 povos. "Gostaríamos de recebê-los com carinho, amizade e compromisso com a educação escolar indígena". Com essas palavras, Bráz França deu as boas-vindas aos professores, em nome da FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro.

A temática principal foi debatida durante todos os dias, partindo da constatação de que as escolas podem tanto ajudar a construir o futuro, como destrui-lo.. "A escola pode fazer com que continuemos, mas como pescadores, favelados, etc... mas não como índios!" Essa afirmação de alerta, feita por Gersem, mostra a complexidade que permeia a questão de pensar as escolas indígenas articuladas com os diferentes projetos de futuro dos povos indígenas: *"Precisamos pensar como a escola pode contribuir para assegurar o futuro das comunidades como povos indígenas, com identidade própria. Esta é a questão central".*

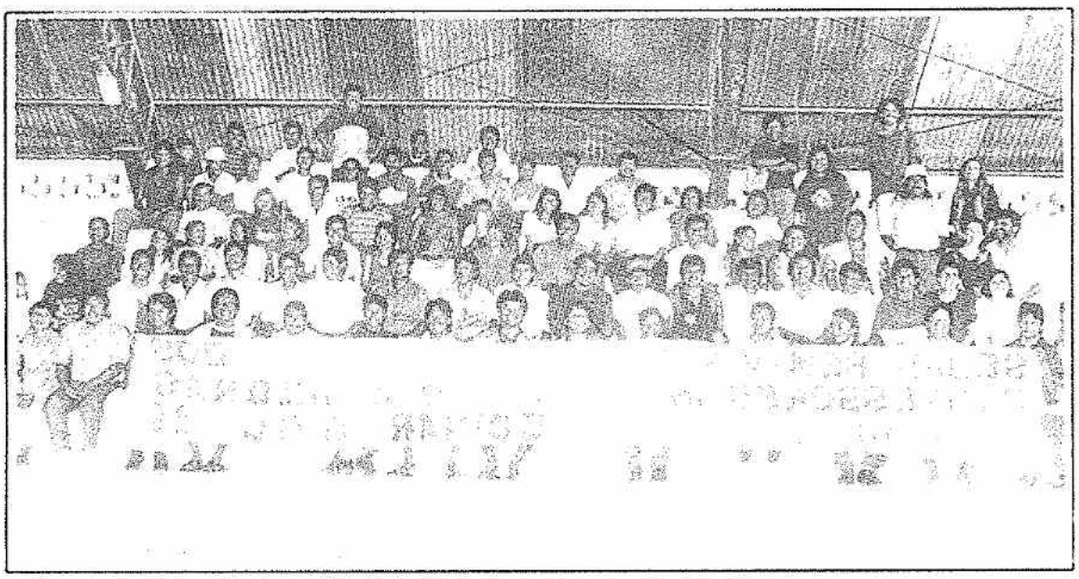
A problemática da saída dos jovens, por falta de alternativas internas, foi lembrada pelo Prof. Sebastião, do povo Tucano, representante do movimento no Comitê de Educação Escolar Indígena do MEC, que levantou também uma profunda preocupação: *"Em consequência das escolas atuais, há muito êxodo, pois não dá caminho que atenda à necessidade da comunidade. O pessoal vive pela periferia das cidades, pois não tem alternativas nas áreas. As escolas tem introduzido o ensino bilíngue, mas ainda não é escola indígena, pois falta currículo, regimento e calendário diferenciado. As escolas são reconhecidas, mas não como escolas indígenas! Ainda não temos uma escola indígena. Falta cumprir com a tarefa de levar para frente - na prática - nossas idéias e ideais".*

Partindo desta avaliação, os grupos refletiram sobre duas questões: 1)Tendo em vista a Declaração de Princípios, quais os passos necessários para fazermos escolas indígenas? 2)Como o movimento de professores e as organizações indígenas podem se responsabilizar na construção das escolas indígenas? As discussões realizadas foram organizadas em um documento final, que sintetiza os debates e conclusões:

"Nós professores indígenas dos povos Mura,

Acervo ISA

Munduruku, Sateré-Mawé, Parintintin, Torá, Tenharim, Tikuna, Kambeba, Mayoruna, Miranha, Tariano, Tukano, Desana, Pira-Tapuia, Baré, Arapaso, Baniwa, Macuxi, Wapixana, Yanomami, Wanano e Diahoi, reunidos no nosso IX Encontro dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, realizado em São Gabriel da Cachoeira, entre os dias 18 a 21 de julho deste ano, tivemos como tema principal a questão das Escolas indígenas e os Projetos de Futuro dos Povos. Após refletirmos bastante sobre esta problemática, depois de trocar experiências e ouvir os diferentes desafios enfrentados nas regiões e nos locais de trabalho, concluímos que:



IX encontro foi realizado em São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro

- os currículos, regimentos e calendários das escolas indígenas devem ser elaborados pelos professores, organizações, comunidades e lideranças indígenas, juntamente com suas assessorias, e devem ser reconhecidos oficialmente;
- é necessário formar e valorizar profissionais para a própria comunidade, visando a nossa autonomia e para que as escolas sirvam como instrumento para a permanência dos jovens em nossas aldeias, e não como portas de saída;
- é importante termos assessorias permanentes que possam acompanhar a evolução do trabalho dos professores nas escolas.
As organizações indígenas devem fortalecer a luta pela construção das escolas indígenas:
- sensibilizando as autoridades e órgãos ligados à educação escolar indígena para que reconheçam e respeitem a nossa Declaração de Princípios, elaborada e aprovada no IV Encontro dos Professores Indígenas do AM e RR (Manaus, 1991), reafirmada no VII Encontro dos Professores Indígenas do AM, RR e AC (Manaus, 1994) e cujo cartaz foi lançado no VIII Encontro (Boa Vista, 1995);
- divulgando estes princípios no movimento indígena;
- participando dentro das escolas, com objetivo de valorizar as culturas, acompanhando de perto os processos de aprendizagem e apoiando a elaboração de materiais didáticos;- apoiando a luta pela inclusão dos nomes indígenas nas matrículas e documentos escolares, dos povos que assim o reivindicarem;
- buscando a liberação de professores indígenas, sem prejuízo de salário, para negociar a concretização do reconhecimento das escolas indígenas junto aos órgãos competentes".

O IX Encontro contou com assessoria de Márcio Silva (UNICAMP), Marta Azevedo (Mari/USP), Ana Costa (NEPE/UA), Ednelson Pereira e Angela Kurovisk (OPAN) e Rosa H. Dias da Silva (CIMI e USP), além da presença e participação de Luís D. Grupioni (representante da ABA no Comitê do MEC).

Mais uma vez foi confirmada a perspectiva da autoria e auto-gestão indígena nos processos de educação escolar, como forma de garantir a efetivação de escolas realmente indígenas, no sentido de estarem a serviço de projetos próprios de futuro, ou, como disse o Prof, Enilton, do povo Wapixana, de Roraima: "*Escolas indígenas, com cara e corpo indígena!*"

Esse entendimento e prática, tem localizado este movimento num novo momento da história da educação escolar indígena no país: a passagem das escolas "para os índios" para a construção das "escolas dos índios". Muito há para se fazer, na busca de aproximar cada dia mais a realidade das escolas com os ideais firmados. O cotidiano dos professores indígenas é árduo e coloca sempre novos e velhos problemas. Porém, a esperança de mudança é uma das forças que impulsiona este movimento: *"O pessoal está se reunindo para mudar essa escola. Estamos nos reunindo para ver como seria a escola ideal para nós".*
Esse pensamento de um professor indígena presente no I Encontro (Manaus, 1988), continua sendo uma marca atual, decisiva para que continuem motivados a se reunir anualmente, procurando avançar neste processo.

Acervo ISA

ESCOLAS, ORGANIZAÇÕES E PERSPECTIVAS INDÍGENAS

Recentemente, na Amazônia, uma das grandes preocupações foi com as várias tentativas coloniais da prática educacional de assimilar, de integrar os povos indígenas ao que se chamava de comunhão nacional.

Houve um grande avanço, no sentido dos próprios povos indígenas, que até então eram mantidos sob dominação, não só política, mas sobretudo cultural (e essa prática provinha diretamente da prática educacional). A própria estratégia utilizada, seja pelos órgãos federais, seja pelas instituições religiosas, a tentativa de educar, de "civilizar", acabou certo momento fugindo do controle desses mesmos órgãos, na medida em que os índios começaram a tomar consciência da situação em que se encontravam, começaram também a surgir inquietações em várias partes, que geraram uma nova visão, uma nova caminhada, uma nova perspectiva.

Ao mesmo tempo em que, a partir da visão educacional, se tinha essa inquietação, no meio das lideranças indígenas, que acabaram surgindo também nesse processo de escapar desse processo civilizatório, juntou-se essas forças, tanto das lideranças políticas dos índios, como dos próprios educadores indígenas, que cada vez mais aumentava em diversas áreas indígenas.

Então, a partir da década de 80, teve esse início dessa nova caminhada onde a idéia central agora era tentar rediscutir, refletir, analisar a situação presente dos povos indígenas. Para isso, tínhamos que conhecer um pouco as razões porque estávamos colocados naquela situação de dominação e exploração. E percebemos que uma das forças mais graves existentes para o nosso futuro e para o presente, era justamente esse enfraquecimento cultural dos nossos povos. E qualquer iniciativa de uma nova perspectiva de futuro para nossos povos, teria começar a partir daí. Percebemos que o mal maior para os povos indígenas era justamente a descaracterização - a dominação cultural. Aquela idéia de "trocar todo novo pelo velho" (e o velho nesse sentido eram as culturas indígenas). A partir dessa consciência, juntava-se essas forças, tanto de quem trabalhava na área educacional, como quanto as lideranças indígenas, que no Brasil inteiro, mas especificamente na Amazônia, se fortaleciam cada dia mais. Em todos os povos indígenas, em todas as regiões, começaram a surgir diversas lideranças, e essas lideranças então acabaram se reunindo, formando associações, formando organizações. Mais ainda, buscando espaço de discussão com todas as diferentes organizações, dos diversos povos indígenas, em diferentes níveis de contato, para buscar algum caminho que pudesse dar um novo modelo de trabalho e de luta para os povos indígenas.

Integrantes da Copiar, em 1993

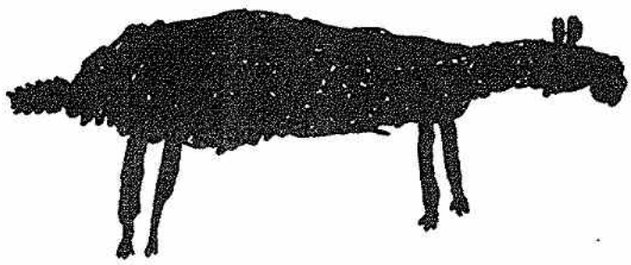
Um dos pontos centrais foi a necessidade de repensar a própria situação dos povos indígenas. Então, as discussões em torno da educação, eram também redescobrir, planejar o que hoje os povos indígenas querem para o seu futuro. Então foi o início de planejar, de construir o futuro, a partir da realidade em que os diversos grupos étnicos se encontravam. E esse compromisso foi sendo assumido a partir dos professores, dos educadores e das organizações indígenas, das lideranças indígenas.

O marco fundamental são alguns princípios que orientam essa luta. Princípios como, estando numa mesma situação, formar alianças. Essas alianças, seja com órgãos públicos, inclusive, que tenham alguma intenção agora de ajudar, a recuperar, alguma coisa que pudesse agora dar uma nova força para essa perspectiva dos povos indígenas. E a partir daí, os próprios agentes pensantes deste novo projeto histórico para os povos indígenas têm assumido essa tarefa de reconstruir uma nova história, a partir dos elementos que agora estavam na cabeça de cada índio, de cada grupo étnico, de cada região.

Acervo ISA

A gente percebia que a dominação cultural tem deixado muito isolado os grupos indígenas, e muito fracos também. Então, a primeira conquista seria poder isso: tornar os próprios povos indígenas capazes de ser os protagonistas, sujeitos de sua história. Mas para isso, teria de ter claro na consciência, não só das lideranças indígenas, mas dos povos indígenas em geral. Porque sem isso ficaria muito difícil, até porque a região Amazônica ainda hoje conta com forças diversas, que inclusive trabalham e lutam contra esse processo dos povos indígenas.

Então, nessa caminhada, hoje prá nós, na questão específica da educação, existe uma coisa muito clara: nós não podemos separar a prática educacional, ou seja, aquilo que se faz, seja no ensino, na escola, mas sobretudo que está na comunidade, não dá para separar da própria caminhada política dos povos indígenas.



A partir dessa concepção, a nossa luta política hoje é para que o Governo, é prá que a sociedade brasileira não só reconheça isso, mas pelo menos abra a liberdade para isso. Porque se a gente hoje tem uma lei bastante favorável nessas iniciativas, mas a prática está muito longe, está bastante longe. E tem que ser continuada então para que se conquiste isso. E se isso hoje é um desafio, um compromisso dos povos indígenas, tem alguns elementos, alguns desafios que precisam ser superados. E uma delas então é como nessa mesma abertura oficial hoje da sociedade brasileira, sobretudo quanto às leis, como tentar colocar hoje nas nossas escolas indígenas, onde já tem mais de 100 anos de um modelo de sistema que não tinha nada a ver com isso. Quer dizer, como a gente, de uma hora para outra, quer transformar, quer mudar essa realidade, no sentido de dar uma nova perspectiva educacional para nossos povos indígenas? É uma coisa que ainda se esta discutindo, mas creio que o ponto central, o ponto mais importante foi justamente ter resgatado a concepção de educação: de ligar a prática educacional à prática de luta, daquilo que os povos indígenas propõem lutar e querem projetar para seu futuro. Porque não é só necessário planejar ou projetar, mas é necessário também iniciar a construção dessa nova história que se quer.

Precisamos pensar o hoje - a situação de cada comunidade, de cada povo indígena, que também é diversa. Mas o essencial é que se tenha essa noção hoje de que através da educação, talvez sobretudo da educação escolar, que é uma coisa mais séria... porque a educação tradicional - ela está: está na alma, na própria vida da comunidade. Mas a educação escolar ela precisa dar esse salto qualitativo no sentido de deixar de impor aquilo que se quer da sociedade, mas aquilo que a própria comunidade quer atingir através da educação, que é a sua própria condição de viver com dignidade - aquilo que é entendido como dignidade para os povos indígenas.

E acho que a caminhada está sendo bastante boa, e prá isso a gente procura então, nas próprias escolas que temos hoje, apesar de muitas terem ainda aquelas características integracionistas, civilizatórias... tentar, dentro de seu próprio conteúdo metodológico, incluir vários elementos, que vá mudando essa perspectiva. Por isso nós tentamos dar essa linha, a partir de diversas experiências existentes na Amazônia, e o trabalho objetivo praticamente dessa articulação dos professores da Amazônia é nesse sentido aí: servir como um ambiente de discussão, de um laboratório de idéias que possam estar orientando as diversas práticas, das várias iniciativas educacionais existentes entre os povos indígenas naquela região

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DOS POVOS DO RIO NEGRO

O Alto Rio Negro a que nos referimos aqui, compreende os atuais municípios de: Santa Izabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, onde habitam hatualmente cerca de 35.000 índios de 19 grupos étnicos.

A exemplo de outras regiões da Amazônia, os povos indígenas do Alto Rio Negro, tiveram os primeiros contatos com os colonizadores brancos, já em meados do sec. XVII. Este contato, na primeira fase, se deu através de viagens esporádicas de bandeirantes, aventureiros, pesquisadores e sobretudo de expedições militares. Na segunda fase, as viagens foram organizadas pelo próprio governo quase sempre compostas de três seguimentos: militares, comerciantes e missionários. Na terceira fase, as viagens também foram patrocinadas pelo governo preferencialmente para missionários dando início definitivamente às atividades de aldeamentos e construção de *missões*. As viagens da primeira fase tinham como principais objetivo: reconhecimento e expansão territorial e, caça a possíveis riquezas minerais da região.

A segunda fase, ficou marcante pelo império da violência institucionalizada promovida pelas operações oficiais de *recrutamento*, chamados também de descimentos, resgates ou guerras justas. Estas operações tinham como objetivo recrutar os índios à base da força para servir de mão-de-obra escrava nos centros administrativos da colônia. Foram as operações mais cruéis de toda a história, dizimando em grande escala aldeias e populações indígenas ao longo de todo o Rio Negro.

A partir da terceira fase, meados do sec. XIX e início do sec. XX, a estratégia dos colonizadores mudou consideravelmente. Os novos objetivos estratégicos a partir daí serão: a catequese e a integração dos índios, embora a dominação política, cultural e religiosa continuam sendo as grandes metas colonialistas. Entra em cena com maior peso, a atividade missionária e com ela, a introdução definitiva da catequese para cristianizar os índios (chamados até então de seres sem fé, sem alma). Mais tarde essa tarefa será reforçada por novos agentes como: comerciantes, militares, agentes do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e políticos.

Educação tradicional dos índios

No ítem anterior enfocamos a historia a partir da chegada dos primeiros colonizadores brancos para entendermos o processo de escolarização que ocorreu na região do Alto Rio Negro. Mas, e antes? como se dava a educação tradicional dos índios ? É possível sabermos hoje? Sem dúvida que havia educação, pois sem ela ninguem conseguiria sobreviver ou conviver em meio a tantas pessoas e culturas diferentes que viviam nesta região. Educação pois, é, neste sentido, todo conhecimento que uma comunidade ou povo possui e que é de dominio de todos, transmitidos de pais para filhos e necessários para viver bem. Educação não é o mesmo que escola. Educação é este processo através do qual toda a pessoa aprende a viver. Essa aprendizagem se dá através da família, da comunidade ou do povo e por isso não precisa de professor nem da construção de uma escola.

A educação escolar ou simplesmente escola é uma maneira de organizar os conhecimentos da comunidade para ensinar através de uma pessoa que é o professor às pessoas que precisam. Escola não é o prédio construído ou as carteiras dos alunos, são os conhecimentos, os saberes. Daí é que vem a nossa pergunta: a escola enquanto, prédio, professor, livros, será que sabe tudo mesmo, a ponto de ser o único lugar para aprender coisas? ou será que a comunidade, o povo tem mais sabedoria, mais conhecimento para transmitir, comunicar e distribuir, que a própria escola? Olhando um pouco os saberes dos nossos povos indígenas do Rio Negro até hoje mantidos e valorizados, vamos comparar as duas formas de educação de que falamos, para entendermos melhor a importância de cada uma e a necessidade de construirmos nossos processos próprios de ensino-aprendizagem e nossas formas de educação que sejam verdadeiramente úteis e importantes para a nossa convivência humana.

1 .Educação tradicional dos índios:

- A família (pai e mãe) e a comunidade ou povo são os responsáveis pela educação dos filhos: É na família que se aprende a viver bem: Ser um bom caçador, um bom pescador, um bom marido, uma boa esposa, um bom filho, um membro solidário e hospitaleiro da comunidade.
- Aprende a fazer roça, plantar, fazer farinha.
- Aprende a fazer canoa, cestarias;
- Aprende a cuidar da saúde, benzer, curar doenças, conhecer plantas medicinais;
- Tem que aprender geografia das matas, dos rios, das serras, da matemática e geometria para fazer canoas, remos, roças, cacuri,etc.
- Não existe sistema de reprovação ou seleção.
- Os conhecimentos específicos como o dos pajés, estão a serviço e ao alcance de todos.
- Enfim aprende a viver e combater qualquer mal social, para que não tenha na comunidade, crianças órfãs e abandonadas, pessoas passando fome, mendigos, velhos esquecidos, roubos, violência,etc., enfim, que impere sempre, o espírito solidário, fraterno, comunitário, confiança, respeito. Neste sentido todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

2 . Educacão Escolar Oficial (do governo)

Acervo ISA

- A responsabilidade pela educação dos filhos não é mais dos pais ou comunidade, mas a escola:
- Desde cedo as criancinhas vão para a creche
- O professor é pago para ser o responsável direto por toda a formação do aluno: caráter, conhecimentos gerais e específicos.
- O saber é para poucos, para os privilegiados, por isso, há um sistema de seleção isto é um sistema que discrimina, que elitiza, que pune e reprime. Os conhecimentos mais importantes (medicina, por exemplo) não estão a serviço e nem ao alcance da maioria.
- O aluno só aprende algumas coisas, não tem o domínio total do seu próprio mundo cultural.
- A escola ajuda a manter e reproduzir os males sociais.
- Existe a figura de quem tem o poder , de quem manda no saber e na escola.

Os dois quadros levantados não tem o objetivo de negar a importância de um ou de outro, mas para entender as diferentes formas como se dão uma mesma coisa: educação. Isso pode nos ajudar a pensar e construir uma nova forma de educação, uma nova política educacional capaz de atender nossos anseios, interesses e necessidades diárias. É extremamente importante reconhecer que os povos indígenas do Rio Negro ainda mantém viva as suas formas de educação tradicional que podem e devem contribuir na formulação de uma prática educacional adequada aos nossos povos, e que tais conhecimentos não são incompatíveis com os conhecimentos da escola moderna.

A Escola da conquista

Com a implantação das primeiras missões religiosas, iniciou-se também a implantação das primeiras escolas para os índios da região. Este primeiro modelo de educação escolar aliado à prática catequética, tinha tarefas bem claras e definidas, a partir da concepção mais comum da época: tornar os índios a qualquer preço em bons cristãos e bons cidadãos. Mas para conseguir esse milagre não era fácil, exigia em primeiro lugar dos índios obediência e domesticação. Entretanto, os agentes educativos apostaram tudo nisso. O grande desafio era como conseguir que os índios aos poucos fossem negando a si próprios, isto é, negando as suas histórias, as suas tradições milenares, as suas danças, as suas línguas, os seus valores culturais - enfim, negando o seu próprio modo de ser e de viver. Ação missionária e ação educativa se confundiam a tal ponto que uma era o complemento da outra, ou melhor o poder político das escolas era de absoluto domínio da Igreja. A escola por exemplo, proibia e perseguia as línguas maternas, a organização social (tribal e familiar) enquanto que a igreja proibia e perseguia os pajés, as cerimômias, os rituais e as danças. A grande diversidade cultural dos povos era o maior obstáculo, que exigiu criar diferentes estratégias de dominação, nem que para isso tivessem que usar os próprios índios da região ditos "já civilizados", na verdade já conquistados ou domesticados, para *educar* os outros índios; ou ainda a imposição de uma língua arranjada, o *nhegatu*, conhecido também na região por Língua Geral (mistura do Tupi-guarani com outras línguas indígenas ou mesmo com o português) que todos os índios deveriam aprender a falar, em detrimento de suas línguas maternas. Mais recentemente, as escolas em formas de internato e semi-internato representam um pouco o afunilamento dessas estratégias e práticas educacionais, aonde os índios tinham que aprender a *ser gente* . Neste sentido, a organização das escolas nas comunidades indígenas surgiu como um instrumento de descaracterização cultural, de desorganização dos povos e consequentemente da dominação, além da implementação dos projetos integracionistas da sociedade dita "civilizada". Isto pode ser comprovado através da fala do Brigadeiro Protásio , em 1980, ao elogiar o trabalho dos missionários no Alto Rio Negro: "eles ensinaram os índios a ser brasileiros, os índios passaram a ser professores e deixaram de ser índios".

Emergência do Movimento Indígena: FOIRN

Embora toda a prática dominadora do sistema educacional ao longo do último século, os povos indígenas do Rio Negro resistiram, sobreviveram e mais que isso, souberam aproveitar muita coisa positiva dessa longa experiência. Aprenderam muita coisa sobre o mundo dos brancos que hoje estão utilizando como arma para defender seus direitos e suas vidas das malícias do mundo envolvente. Este deverá ser um dos saldos positivos desde periodo, e que representa uma esperança futura, capaz de superar os desafios trazidos pelo contato. A partir do início da década de 80 (1980), os povos indígenas do Rio Negro começaram a se preocupar com a situação a que chegaram e as possíveis alternativas para reverte-la. De início as tentativas foram muito localizadas, quase sempre na região do Triângulo Tucano, exatamente região de maior investimento educacional dos missionários católicos. Coincidentemente ou não, grandes projetos governamentais militares e econômicos deveriam ser implantados neste periodo na região, o que estimulou a emergência do movimento indígena organizado. Em abril de 1987, durante uma assembléia geral dos povos indígenas do Alto Rio Negro, promovida pela FUNAI e patrocinada pelos militares justamente para discutir e buscar o apoio dos índios para a implantação dos projetos militares(Calha Norte) e de empresas mineradoras, na região.

Atualmente, a questão da escola passa a compor o cotidiano do movimento indígena, sendo inclusive uma das suas principais preocupações, presentes nas assembléias e encontros, ligada sempre à luta mais ampla, como direito e garantia das terras. Tal preocupação demonstra claramente que as lideranças vêem a escola como algo que pode contribuir na construção do seu projeto de autonomia.

Acervo ISA

O processo de conquista da escola

Com o surgimento do movimento indígena organizado do Rio Negro, a partir da criação da FOIRN, podemos constatar que a consciência a respeito da necessidade de criar um modo próprio de fazer escola, cada vez se fortalece. Entra em cena o papel fundamental dos professores indígenas, enquanto um dos principais envolvidos nesta busca da concretização de processos escolares, norteados pelas pedagogias indígenas. Significa que seu trabalho só pode realizar-se com eficácia, segundo os ideais afirmados, num processo realmente indígena de escola. E esse será construído com a participação efetiva de todos: professores, lideranças, alunos e comunidade indígena.

Encontros e Assembléias

Atualmente existem cerca de 1000 professores indígenas em toda a região do Rio Negro, sendo que grande parte fora do exercício da profissão. Mesmo assim ,cerca de 400 profesores, anualmente estão em salas de aulas, trabalhando com mais de 7000 mil crianças e jovens indígenas.

A participação dos professores indígenas, desde o início, tem sido marcante no movimento indígena liderado pela FOIRN.

A primeira Diretoria Executiva (Diretoria Fundadora) da FOIRN composta de quatro membros, três já haviam exercido o magistério nas suas comunidades. Embora sempre houvesse essa participação de alguns professores e educadores indígenas no movimento indígena, o trabalho educacional de forma geral, tem ficado ao longo de muito tempo á margem do processo de discussões políticas, a exemplo de outros setores como os agentes de saúde, como se estes estivessem imunes ou distantes dos problemas e da luta global dos povos indígenas.

O papel da FOIRN era possibilitar a integração e o envolvimento desses agentes, politizando-os , para o maior fortalecimento do processo global de organização e de luta, conscientes da problemática atual e das perspctivas futuras que se deve construir como projeto político viável e de comum interesse.

Para avançar neste propósito, a FOIRN estimulou e possibilitou momentos adequados de reflexão, discussão, formação, troca de experiências, avaliação para os professores, lideranças e outros agentes envolvidos e interessados, através de encontros, cursos, assembléias e outros eventos.

Entre 1992 e 1994 foram realizados dois grandes encontros de professores indígenas do Alto Rio Negro em São Gabriel da Cachoeira.

A partir de 1994, priorizou-se encontros locais, para melhor articulação dos professores das aldeias mais distantes e divulgar o novo processo em curso. Já em 1996, foi realizado o Primeiro Curso Sobre Currículos e Regimentos.

Os três momentos representam os passos que foram sendo dados, bem como as perspectivas que se levantam para o futuro educacional na região.

I encontro dos Professores Indígenas do alto Rio Negro

15-18 de julho de 1992, em São Gabriel da Cachoeira

Foi o primeiro encontro de professores e educadores indígenas, de maior repercussão na região. O encontro contou com a participação de 131 professores indígenas de diversas etnias e várias lideranças indígenas da COIAB, FOIRN e organizações de base. Como assessores estiveram presentes três professores indígenas de outras regiões, sendo 02 ticunas e 01 wapixana, antropólogos e pedagogos da Universidade do Amazonas (UA), Universidade de São Paulo (USP) e UNICAMP. O encontro tratou de assuntos muito importantes, dentre os quais foi dedicado um bom tempo para um levantamento inicial da situação das escolas e comunidades da região: como surgiram as escolas, quantas escolas existem, quantos alunos e professores, como estão as escolas, se o professor trabalha na sua própria comunidade, qual o papel da comunidade em relação ao professor, o currículo usado, as dificuldades encontradas no trabalho, o regimento empregado nas escolas e quem elaborou, como é a formação dos professores. Os dados mais comuns foram: "as escolas iniciaram com a chegada dos missionários, escolas em situações precárias, falta de material didático, prefeito diz que merenda escolar não serve para os índios"(grupo de tucanos, dessanos e tuyucas de Pari-cachoeira). "Deve haver uma profunda inter-relação entre a comunidade e o professor, ninguém conhece os currículos e os regimentos foram impostas sem saber de quem é autoria, o desânimo dos professores se deve a ausência de cursos de atualização e ao abandono a que é submetido"(grupo tariano, piratapuia, tucano de Iauaretê). "Falta de organização e consciência dos professores; participamos da elaboração do regimento escolar, a maioria dos professores possui a formação do magistério de 1ª a 4ª série, cursos de atualização deveria ser constante" (***grupo de professores de São Gabriel***).

Acervo ISA

Além do levantamento foram discutidas e aprofundadas várias questões como: articulação dos profesores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, através da COPIAR, leis que regulamentam a política educacional brasileira, legislação específica da educação escolar indígena, conhecer as experiências de escolas indígenas dos ticunas do Alto Solimões e dos wapixanas de Roraima. Como pauta final foi discutida a articulação dos professores indígenas do Alto Rio Negro, criando-se uma comissão provisória composta de 10 professores representantes de todas as regiões presentes.

Documento final do encontro

Nós, professores e lideranças indígenas do Alto Rio Negro, reunidos em São Gabriel da Cachoeira, de 15 a 17 de julho de 1992, discutimos os seguintes problemas:
- Falta de assistência pedagógica para as escolas indígenas;
- Falta de construção e reforma de prédios escolares;
- Falta de material escolar e didático adequado;
- Falta de merenda escolar em quantidade suficiente.
- Falta de cursos de reciclagem, atualização e treinamento;
- Dificuldades de transporte da sede do município até as comunidades;
- Dificuldades no trabalho educacional e político na região do Içana e Xié devido a presença dos missionários protestantes, que dividem as comunidades com discriminação religiosa. Por isso exigimos que se querem continuar trabalhando em nosso meio, devem respeitar incondicionalmente todas as nossas decisões políticas.
Além desses problemas, os salários dos professores indígenas são muito baixos e falta de isonomia salarial.
Depois de discutir estes problemas, chegamos à conclusão que precisam ser solucionados com urgência, tendo como princípios básicos:
- A valorização das culturas e das línguas indígenas da nossa região;
-A participação efetiva das comunidades, organizações e professores indígenas na definição das nossas políticas educacionais; O respeito a situação sociolinguística, existindo para isso, publicações nas línguas indígenas.
Hoje existem na região do Alto Rio Negro 176 escolas indígenas. 20 dessas escolas não estão funcionando por falta de professores. Trabalham nessas escolas 386 professores indígenas indígenas, atendendo um total de 7.237 alunos. Este levantamento foi realizado por nós, durante este encontro. Os números estão abaixo da realidade porque vários professores indígenas não puderam participar deste evento. Além disso, existem ainda muitas comunidades indígenas sem escolas.

Não estamos pedindo nenhum favor às autoridades públicas. Estamos exigindo nossos direitos já garantidos pela Constituição Federal, que não devem ficar só no papel.

São Gabriel da Cachoeira, 17 de julho de 1992.

II encontro dos Professores Indígenas do alto Rio Negro

11 a 13 de julho de 1994, São Gabriel da Cachoeira

No II encontro foram realizados trabalhos de aprofundamento de alguns conceitos mais comuns e aceitos acerca de uma escola indígena, a partir das experiências existentes. Primeiro foi tentar definir o que é educação , a partir da compreensão pessoal de cada um.

"Educação é a troca de experiência tanto na comunidade, na escola, na igreja e na família. Uma educação indígena deve ser voltada a realidade de cada povo".(professores da calha do Alto Rio Negro).

"....nós tínhamos nossa educação própria, embora não sistemática, feita oralmente no seio da família e na convivência da comunidade, sempre visando o trabalho e o bem-estar de todos" (professores do Alto Rio Içana).

"A escola deve ser indígena, cadastrada, reconhecida, tendo seu professores índios, currículos e calendários próprios. É essencial a participação da comunidade, como protagonista de sua educação" (professores de Taracuá).

No segundo e terceiro momento do encontro, os trabalhos foram dedicados ao aprofundamento do que seria uma escola indígena e o que diz a legislação com relação a isso.

"A força deve partir dos professores das escolas. Ele deve fazer aulas em forma de conscientização, para garantir a posse da terra e outros direitos"(prof. de Taracuá).

"Professores e a comunidade devem discutir e elaborar os currículos escolares de acordo com a realidade local, para ser reconhecido e aprovado pela SEDUC" (prof. do Içana).

No último dia estudaram e discutiram minuciosamente a Pólítica de Diretrizes da Educação Indígena desenvolvido pelo Ministério da Educação,

Acervo ISA

considerada muito boa, mas com pouco efeito na prática das políticas educacionais dos Estados e Municípios.
Síntese dos assuntos discutidos no encontro:

Educação escolar indígena
Princípios:
1. Afirmação da diferença
2. Existe uma diversidade(tucano, dessano, baniwa, etc.)
3. Multiplicidade de línguas.
Objetivos e perspectivas para o futuro
Conquista da autonomia: cultural, social, econômica
O que queremos: que a escola indígena construa esta autonomia, resgatando o saber dos povos indígenas.
Primeira etapa do trabalho: Conhecer a prática cultural da comunidade e sistematizar a característica do saber escolar.
Segunda etapa: definir currículo, métodos, avaliação, livros, processo de adesão, organização, etc.
Prática cultural evidenciada da comunidade indígena: língua, relação com a morte, relação com a natureza, relação com os outros, deuses, medicina, divisão do trabalho, processos de decisão, condições materiais de subsistência, vestuário, alimentação, móveis, utensílios, danças, mitos, tradições, transporte e meio de comunicação.
Coube aos professores participantes levar tudo isso para as comunidades e discutir os resultados.

Encontro dos Líderes e Professores do Rio Içana

02 de agosto de 1995 - Assunção do Içana.
Neste encontro foram tratados assuntos relativos aos problemas enfrentados pela escola de 1º Grau que enfrentava séria evasão dos alunos. Verificou-se que o problema era o alto índice de êxodo rural de famílias inteiras desde 1993 para São Gabriel da Cachoeira.
Neste período 50% da população local tinha mudado para a cidade. A princípio isto parecia estar relacionada a *febre da educação*. Famílias, que com o pretexto de permitir que os filhos continuem seus estudos acabam indo parar nas cidades mais próximas. Esta situação obrigou o fechamento da escola de Primeiro grau da comunidade naquele ano, trazendo ainda mais problema para a pouca população local, que corria o risco de se esvaziar ainda mais. Este é o risco que se corre quando a escola não é gerida, pensada e comandada pela comunidade. Pensou-se em estratégias para reverter a situação: Fazer um levantamento junto às comunidades da região, para ver a possibilidade ou não de recuperar o ensino de primeiro grau na comunidade, envolver as lideranças, autoridades e os dirigentes da escola no sentido de buscar uma solução ao problema mais global do êxodo, bem como repensar mais profundamente o papel da escola na comunidade indígena, a partir da situação enfrentada.

Professores do rio Içana

Encontro dos Trabalhadores em Educação do Rio Negro

05 a 07 de setembro de 1995
O encontro foi promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Negro, delegacia regional do SINTEAM, com o propósito de discutir os problemas enfrentados pelos trabalhadores em educação na região, como salários, situação trabalhista, categorias (professores estaduais e municipais), professores indígenas, política educacional e outros assuntos pertinentes.
Participaram mais de 200 professores, além de outros trabalhadores de educação de três municípios do Rio Negro: São Gabriel da Cachoeira, Santa Izabel e Barcelos.
Durante o encontro se discutiu bastante sobre escolas professores indígenas e sua relação com o sindicato , e da necessidade do apoio sindical às suas lutas específicas.
Foi muito importante para desmistificar muitos preconceitos e dúvidas que os educadores não indígenas tinham acerca da educação escolar indígena, que dificultava enormemente a consolidação das escolas indígenas na região.

Acervo ISA

Encontro dos Professores Indígenas do Triângulo Tukano

06 a 09 de outubro de 1995, Taracuá

Este foi um importante encontro, onde estiveram presentes professores indígenas dos Distritos de Pari-cachoeira, Iauaretê, Taracuá e Içana. Tratou-se de escola indígena a partir das realidades específicas dos professores e das comunidades. O marco importante desse encontro foi a dança descontraída e livre dos professores e líderes dessanos e Tuyucas de Pari-cachoeira no primeiro dia. Todos os participantes chegaram a um consenso que esse tipo de apresentação, de viência, de afirmação da cultura é a coisa mais importante nesses encontros, como a síntese ou reflexo concreto do que seja uma escola indígena. Como tal os professores devem ter clareza e consciência disso para serem os maiores construtores e sujeitos dessa prática educacional:escola indígena viva.

Surgiram muitas críticas às escolas localizadas nas cidades da região que discriminam o estudante indígena vindo das aldeias, obrigando-os aos poucos, a negar a si próprios, a sua cultura, a sua língua, as suas raízes. Houve uma ampla divulgação e discussão em torno dos propósitos dos professores indígenas da Amazônia e do Brasil, bem como do movimento indígena acerca da educação indígena. "Este projeto é dos índios somente a eles interessa. Portanto se querem alcançar, precisam estar fortes, consciente e unidos na luta. É uma luta política". Apresentou-se muitos avanços conquistados desde que começou o novo processo como vem a ser: elaboração de algumas cartilhas, materiais didáticos próprios, ensino bilíngue, envolvimento da comunidade com a escola, capacitação dos professores, valorização da música, do artesanato, da

IX Encontro - em São Gabriel da Cachoeira

dança do desenho, enfim da artes indígenas nas escolas. O professores buscaram uma definição comum sobre escola para pensar currículos e regimentos de suas escolas: "A escola indígena é um espaço de formação e capacitação do homem indígena a partir de sua vida individual e comunitária objetivando torná-lo sujeito de sua própria história nas relações com outras culturas". Reinvindicaram um curso sobre Currículos e Regimentos escolares.

Encontro dos Professores Baniwas do Rio Içana

05 a 06 de julho de 1996, Tunuí-cachoeira

Participaram do encontro 20 professores e várias lideranças indígenas da região. Os professores Baniwas tem peculiaridades próprios, por estarem situados numa região predominantemente evangélica que ao longo de quase um século de presença não investiram na educação formal embora tenham investido pesadamente na parte espiritual, chegando a ponto de quase eliminarem todas as tradições culturais mais importantes dos povos Baniwas e Curripacos. Por esta razão são pouquíssimos os professores Baniwas e quase nenhum curripaco. A maioria dos professores que atuam na região, são oriundos de outros povos, sobretudo das regiões do Rio Uaupés, aonde foi grande o investimento educacional dos missionários católicos. Essa situação traz alguns problemas significativos para o processo, uma vez que a maioria dos professores não sabem falar a língua do povo local, embora tenham grande vontade em ajudar os parentes índios da região. Este primeiro encontro, serviu para discutir a problemática educacional na região ainda muito pouco desenvolvida, embora seja grande o interesse de muitas comunidades locais. Iniciou-se por uma reflexão da importância da educação tradicional familiar/tribal e da educação escolar mais formal, diante das novas necessidades e desafios do contato com o mundo envolvente. Os professores e líderes mostraram-se muito preocupados o fato de não poderem acompanhar o mesmo processo de outras regiões e o encontro tornou-se um pouco um espaço de desabafo e reinvindicação:

1. Escola de primeiro grau na região, sobretudo no Alto Rio Içana.
2. Material didático específico e suficiente para as escolas baniwas.
3. Apoio e condições dignas para o trabalhos dos professores que atuam na região.
4. Contratação oficial e salários justos aos professores.

Acervo ISA

5. Supervisão qualificado e constante por parte dos órgão responsáveis, para não deixar os professores isolados que assim, desanimam.
6. Repasse periódico e seguro da merenda escolar.
7. Maior envolvimento e consciência dos líderes comunitários e participação das comunidades nos trabalhos das escolas.
8. Realização de encontros, cursos de reciclagem e capacitação para os professores.

Encontro dos Professores Indígenas de Iauaretê

Este encontro foi realizado em março de 1996, no Distrito de Iauaretê, tendo como objetivo avaliação do processo educacional das escolas na região. Participaram do encontro cerca de 30 professores indígenas de toda a região. Verificou-se que houve muitos avanços, mas que ainda existiam muitos desafios pela frente. Os professores estavam interessados em implementar os projetos de escolas indígenas para a qual queriam apoio. Estão articulando e organizando os professores cada vez mais para fortalecer a luta por uma educação específica que atenda a realidade e o interesse dos povos indígenas. Os professores mostraram alta consciência e vontade política.

I Curso de Currículos e Regimentos

Taracuá, 28 a 30 de julho de 1996

Participaram do curso 28 professores ministrado pela antropóloga Marta Azevedo assessora da COPIAR (professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, desde o início) e o advogado Felisberto Damasceno, assessor jurídico do CIMI de Brasília. O curso começou com a discussão dos objetivos do curso: "aprender o que é um currículo e tentar elaborar um primeiro currículo de acordo com as necessidades de cada comunidade, que esteja dentro da Lei e que atenda as Declarações de Princípio do cartaz, elaborados pelos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre no seu IV encontro.

A escola tem que ser pensada em função dos projetos de futuro de cada comunidade, uma vez que tem dois objetivos: Reprodução cultural e Formação de Mão de Obra. Entende-se por reprodução cultural o ensino dos valores, da religião, língua, etc... de cada povo. A escola hoje ensina a cultura dos brancos e isso gera conflitos entre as crianças e os adultos, porque as crianças aprendem os valores impostos pela sociedade envolvente e estranhos à sua vida cotidiana. A escola indígena visa gerar profissionais que possam ser úteis e que desenvolvam as suas comunidades. Para ser um bom profissional ele deve saber a cultura de seu povo e a cultura dos brancos.

Apresentamos a seguir resumidamente os conteúdos do curso para nos dar uma idéia geral de sua importância.

1) Substituição: através da escola a cultura do povo indígena é substituida pela cultura dos brancos, muitas vezes com processos violentos.

2)Processos de transição: Na 1ª e 2ª série começa a alfabetização na língua materna, com os valores tradicionais aos poucos, a partir da 3ª série, para o intercâmbio maior e tipos de processos educativos escolares:português, para os valores dos brancos.

3) Manutenção / diálogo: A escola ensina as duas culturas, tanto a dos brancos quanto a da comunidade, ao mesmo tempo. Sem dar maior importância para uma ou para outra.

Estudaram as leis que garantem que os povos indígenas usem suas línguas maternas e pedagogias, mas sem abandonar a língua portuguesa. Os povos indígenas tem direito a ter acesso aos conhecimentos dos brancos, como medicina, informática, ciências,etc.... mas sem sufocar a cultura e os conhecimentos já existentes.

Foram realizados três oficinas:

1ª oficina: currículos e regimentos das escolas Tapirapé e Guarani e a proposta de Magistério Indígena de Roraima.

2ª oficina: Legislação sobre Educação Escolar Indígena

3ª oficina: texto sobre tema Gerador

Alguns resultados das oficinas para um exercício de elaboração de currículos:

Oficina 1: Pré-Escola

O tema gerador é um recurso didático que se administra integralmente. Pensar em como elaborar o calendário escolar de acordo com as estações e os eventos da natureza. Usando esses elementos podemos ensinar aos nossos alunos matemática, Língua Portuguesa e materna, Geografia, História, artes, etc.

Os objetivos gerais da Pré-Escola são de conquistar a auto-determinação do povo Tucano, conservando e recuperando a memória histórica. Ensinando a criança desde pequena os valores de sua cultura, reafirmando a sua identidade étnica e reconhecendo o valor de seu povo. Ensinar a língua tucana escrita e o português ao mesmo tempo, dando informações corretas sobre as sociedade não índia, desenvolvendo a consciência crítica da criança, para que ela consiga identificar problemas e encontrar soluções viáveis.

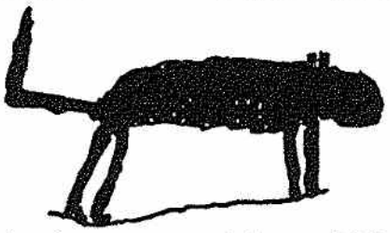
(seguido de conteúdos)

Acervo ISA

Oficina 3: de Segunda a Quarta Série
As crianças deverão aprender a história de seu povo, desde a chegada dos seus ancestrais nessa terra e como eles viviam até os primeiros contatos com os brancos e as missões. Os alunos deverão desenvolver uma consciência crítica para perceberem o que há de bom e de ruim em sua comunidade e, como a sua participação pode contribuir para a melhoria da vida de seu povo. As aulas devem ser envolventes e integrantes para despertar na criança curiosidade e vontade de aprender cada vez mais. Para conseguir aulas interessantes as disciplinas devem ser ensinadas através da realidade e cotidiano da comunidade, aproveitando os conhecimentos que a criança já possui.
Na avaliação dos professores participantes, o curso foi muito rico e proveitoso e reinvindicaram para fevereiro de 1997 um novo curso com a mesma assessoria, em parceria com a FOIRN.

Desafios e perspectivas

Acreditar na urgência e na possibilidade real da conquista de escolas verdadeiramente indígenas, que estejam a serviço de cada povo, sendo instrumento de resistência, de reelaboração/recuperação cultural e desenvolvimento digno, enfim, que contribuam no processo histórico de sobrevivência enquanto povos etnicamente diferenciados - é a força articuladora principal que tem unidos os professores e lideranças do Alto Rio Negro e seus aliados.
Nesta região, a resistência histórica da diversidade cultural e os processos de escolarização é muito grande e não está isenta de contradições e ambiguidades. De um lado, os povos do Rio Negro, há mais de um século estão sujeitos à ação educacional da Igreja e do Estado, com forte presença e influência militar, de outro, é a região, dentro do Estados do Amazonas, de menor índice de analfabetismo.
Outra questão a ser destascada é que, também no Rio Negro, vemos uma expressiva e importante mobilização indígena, que tem gerado inúmeras formas de organização e o surgimento de novas lideranças.
O desafio então é pensar as escolas indígenas nos seus limites e possibilidades - dentro da realidade atual, cada dia mais norteado por tendências globalizantes.



O movimento indígena como um todo precisa construir com muita determinação no dia-a-dia, a sua luta, a sua história, sua autonomia real, específica de cada povo, para garantir o seu espaço político e cultural dentro da sociedade global.
O maior sinal de que os índios do Rio Negro estão em um novo caminho é a sua vontade de participar da luta, do jogo, driblando e procurando sempre acertar o gol, mesmo as vezes, à revelia do juiz.
Um processo que está sendo levado pelos 35.000 índios, dentre os quais, lideranças, professores e alunos.
Concretamente, é preciso ainda dar passos importantes neste processo educacional, como:
1) Efetivação de escolas verdadeiramente indígenas, com currículos e regimentos próprios e reconhecidos.
2) Elaboração de materiais didáticos próprios e adequados: cartilhas, livros de leitura, história do povo,etc..
3) Capacitação adequada dos professores e melhor qualidade de ensino.
4) Implantação de escolas mais avançadas e por que não de escolas superiores ou melhor de Universidades Indígenas, capazes de ajudar a resolver os problemas do povo e garantir o futuro desejável.
A escola foi o principal instrumento de destruição cultural dos povos, mas também pode ser o principal instrumento de reconstrução e afirmação de uma nova era.
É preciso pensar e criar sempre estratégias próprias de luta a partir sempre da realidade política e global, tendo consciência clara das possibilidades concretas de avançar na luta. É neste sentido que é importante considerar, o novo quadro político da região dos próximos quatro anos, pois ao final deste ano, teremos mudanças significativas na composição dos principais agentes políticos do Alto Rio Negro. De um lado, a eleição da nova Diretoria Executiva da FOIRN que estará à frente dos desafios nos próximos quatro anos (1997-2001), de outro, o comando da Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira, que estará sobre o comando do Partido dos Trabalhadores, também até o ano 2001. Temos certeza que nesta virada de Milenio temos muito que caminhar. A partida foi dada, e a vitória final só depende de nós.
Concluímos este boletim com o questionamento do Professor Euclides Pereira Macuxi, de Roraima: *"Estamos hoje, de certa forma, obrigados a assumir para nós aquilo que não é nosso, que não faz parte da nossa cultura. São costumes dessa sociedade que invade as nossas malocas, e a gente, sem perceber, vai absorvendo essa situação. Penso que a escola pode ser o caminho para chegar a mudar essa mentalidade, a partir do momento que se trabalha com as crianças. Eu acredito que a nossa forma de viver, a nossa forma de ver o mundo tem que ser preservada, por que essa vida da sociedade não é mais admitida por ela mesma. Você já pensou por quê? Crianças abandonadas, mulheres prostituídas... Eu acredito que nós não somos obrigados a entrar nesse sitema para matar nossa cultura, nossa dança, nosso canto, nosso povo e o respeito que temos pelas pessoas".*

Acervo ISA

O que teu professor esqueceu

Amigo Professor
Amiga Professora
Quero que prestem bastante atenção
Ao que fala este lutador
Falo de nossa nação
Que tem sua história de dor.

Manaus, 19 de outubro de 1994
Euclides Pereira Macuxi

É claro que teu professor
Contou a história de descoberta e vitória
Falou de evangelizador, conquistador e herói,
Jamais de batizado, conquistado e derrotado
Que nosso povo guarda na memória
E ao lembrar, a alma lhe dói.

Desprezaram nossa história
Vetaram nossos costumes e tradições
Nossas casas vomitaram fumaça
E a mãe terra, de se filho, o sangue bebeu.
E foi exatamente desta desgraça
Que teu professor esqueceu.

Parecia tudo acabado
Água não tinha vida
Floresta desabitada
O pássaro calado
Ninguém temia a onça pintada
Estava mesmo acabado.

De repente no Alto Rio Negro
Surge um grito, um tanto abafado
E Solimões responde apressado
Vou comunicar o Madeira, seu Negro
Para Roraima e Acre Chamar
E lhes contar o segredo.

Essa história, meu caro professor
Seu mestre não lhe falou
Ninguém, nem a Funai, foi informada
O livro não registrou
E o povo não acreditou
Era a história agora mudada

Floresta foi reabitada
No rosto do povo a alegria voltou
E a sua história mudou
Na mata o pássaro a voar
E assim surgiu a COPIAR

Amigo educador, como no início,
muita atenção
Isso parece obra de poeta
Não se deixe enganar
É obra de picareta
Que usou a razão
Para seu prêmio ganhar.

Acervo ISA

A Declaração de Princípios

A **Declaração de Princípios** foi firmada pelos professores no IV Encontro, em Manaus/1991 (e reafirmada no VII Encontro, novamente em Manaus/1994; seu cartaz foi lançado no VIII Encontro em Boa Vista/1995). Até o presente, é o documento de maior importância, que traz os anseios, reivindicações e propostas do movimento. Vamos ler os seus 15 pontos:

1 - *" As escolas indígenas deverão ter currículos e regimentos específicos, elaborados pelos professores indígenas, juntamente com suas comunidades, lideranças, organizações e assessorias".*

2 - *"As comunidades indígenas devem juntamente com os professores e organizações, indicar a direção e supervisão das escolas".*

3 - *"As escolas indígenas deverão valorizar as culturas, línguas e tradições de seus povos".*

4 - *"É garantida aos professores, comunidades e organizações indígenas a participação paritária em todas as instâncias - consultivas e deliberativas - de órgãos públicos governamentais responsáveis pela educação escolar indígena".*

5 - *"É garantida aos professores indígenas uma formação específica, atividades de reciclagem e capacitação periódica para o seu aprimoramento profissional".*

6 - *"É garantida a isonomia salarial entre professores índios e não-índios".*

7 - *"É garantida a continuidade escolar em todos os níveis aos alunos das escolas indígenas".*

8 - *"As escolas indígenas deverão integrar a saúde em seus currículos, promovendo a pesquisa da medicina indígena e o uso correto dos medicamentos alopáticos".*

9 - *"O Estado deverá equipar as escolas com laboratórios onde os alunos possam ser treinados para desempenhar papel esclarecedor junto às comunidades no sentido de prevenir e cuidar da saúde".*

10 - *"As escolas indígenas serão criativas, promovendo fortalecimento das artes como formas de expressão de seus povos"*

11 - *"É garantido o uso das línguas indígenas e dos processos próprios de aprendizagem nas escolas indígenas".*

12 - *"As escolas indígenas deverão atuar junto às comunidades na defesa, conservação, preservação e proteção de seus territórios".*

13 - *"Nas escolas dos não-índios será corretamente tratada e veiculada a história e cultura dos povos indígenas brasileiros, a fim de acabar com os preconceitos e o racismo".*

14 - *"Os municípios, os Estados e a União devem garantir a educação escolar específica às comunidades indígenas, reconhecendo oficialmente suas escolas indígenas de acordo com a Constituição Federal".*

15 - *"Garantir uma Coordenação Nacional de educação escolar indígena, interinstitucional, com a participação paritária de representantes dos professores indígenas".* **IX ENCONTRO DOS PROFESSORES INDÍGENAS DO AM, RR E AC.**